



ANO 5 • Nº 99 • 08 DE AGOSTO DE 2019

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção "Temas Especiais". O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporciona uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade única dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Os textos do BOLETIM GEOCORRENTE poderão ser encontrados na home page da EGN:

https://www.marinha.mil.br/egn/boletim_geocorrente



CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

JANSEN COLI CALIL N. A. DE OLIVEIRA (EGN)

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)

BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)

BEATRIZ VICTÓRIA ALBUQUERQUE DA SILVA RAMOS (EGN)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)

CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-Rio)

DANIEL SANTOS KOSINSKI (UFRJ)

DAVID SEVERO PEREIRA FRANÇA PINTO (UERJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

ELY PEREIRA DA SILVA JÚNIOR (UERJ)

FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)

GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)

LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

TAYNARA RODRIGUES CUSTÓDIO (EGN)

THAÍS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFRJ)

VÍCTOR CABRAL RIBEIRO (UFRJ)

VÍCTOR EDUARDO KALIL GASPAS FILHO (EGN)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL

A viagem do navio-hospital USNS Comfort pelo entorno venezuelano	3
Encontro de chanceleres dos BRICS: questões à condução da política internacional	3

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

A saída dos EUA do Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty: uma nova corrida armamentista à frente?	4
--	---

ÁFRICA SUBSAARIANA

Aumento de casos de pirataria causa preocupação na costa ocidental africana	4
---	---

EUROPA

Reino Unido: novo primeiro-ministro em busca de parcerias	5
Rússia e Turquia são os novos aliados na Eurásia?	6

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

O xadrez iraniano e o quebra-cabeça da crise do Golfo Pérsico	6
---	---

RÚSSIA & EX-URSS

IMDS 2019 e os desafios do reaparelhamento da Marinha russa	7
---	---

LESTE ASIÁTICO

Japão e Coreia do Sul: tensões crescentes	7
Pequim lança novo Livro Branco sobre defesa nacional	8

SUL DA ÁSIA

Inserção russa no arsenal bélico indiano	8
--	---

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Talisman Sabre Exercises 2019: Austrália, EUA e projeção de poder no Pacífico	9
Uma nova base naval chinesa?	10

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Marinha russa aumenta a frota de submarinos	11
---	----

Artigos Selecionados & Notícias de Defesa	12
Calendário Geocorrente	12
Referências	13

A viagem do navio-hospital *USNS Comfort* pelo entorno venezuelano

João Felipe Ferraz

No dia 14 de junho de 2019, o navio-hospital da Marinha dos Estados Unidos (EUA), *USNS Comfort*, iniciou uma viagem de aproximadamente 5 meses por 10 países da América Central e do Sul: Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, Equador, Granada, Haiti, Jamaica, Panamá, Santa Lúcia e São Cristóvão e Névis. Essa missão reúne profissionais médicos de diferentes nacionalidades e tem como principal objetivo a prestação de assistência médica à população de países atingidos pelas vulnerabilidades provocadas pela crise na Venezuela. O atendimento e o tratamento das pessoas é realizado no mar, com a embarcação adequadamente equipada e funcionando como um verdadeiro hospital flutuante.

O navio realiza sua sétima viagem pela região, prestando esse tipo de ajuda humanitária. No âmbito regional, a grave situação da Venezuela se estende desde o ano passado e, conseqüentemente, provoca um intenso fluxo migratório que afeta os países do entorno geográfico. Da perspectiva política, essa ação de caráter humanitário pode ser compreendida como uma estratégia de manutenção e expansão da influência estadunidense no continente americano, uma ferramenta de *soft power*.

Tendo em vista a atual conjuntura internacional de crescente concorrência por influência político-econômica entre Estados Unidos e China, cabe recordar a assistência prestada pela Marinha chinesa por meio do navio-hospital *He Ping Fang Zhou* (Arca da Paz), chegando diretamente ao território venezuelano, atracando no porto de La Guaira de Caracas em 22 de setembro de 2018.

Essa ação da Marinha chinesa estava prevista nos 28 acordos de cooperação firmados pelo presidente Nicolás Maduro em visita à China, realizada também em setembro de 2018, em busca de soluções para a situação do seu país. Os diferentes posicionamentos políticos podem justificar os comportamentos distintos expressados pelas duas potências mundiais diante da situação do país sul-americano. Os governos de China e Venezuela possuem, ainda hoje, fortes relações diplomáticas e projetos nas áreas de energia, economia, segurança, tecnologia e saúde. Em contrapartida, por conta dos recentes distúrbios que envolveram a política venezuelana, as relações entre os vizinhos continentais passam por momentos conturbados, incluindo pressão econômica, isolamento político e até mesmo o risco de intervenção militar.

Encontro de chanceleres dos BRICS: questões à condução da política internacional

Pedro Kilson

Em 26 de julho de 2019, o Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, foi palco da mais recente reunião entre os chanceleres dos BRICS, cujos membros destacam-se como as cinco maiores economias emergentes do mundo. O encontro precede a XI Cúpula dos BRICS, que reunirá os presidentes dos países-membros nos dias 13 e 14 de novembro na cidade de Brasília. Na ocasião, o diálogo estabelecido entre os ministros Ernesto Araújo, do Brasil, Sergei Lavrov, da Rússia, Subrahmanyam Jaishankar, da Índia, Wang Yi, da China e Naledi Pandor, da África do Sul, fundamentou-se em temáticas delicadas, sobretudo o desenrolar da crise política venezuelana. O encontro objetivou discutir os pontos de desequilíbrio na política internacional, por meio de uma perspectiva multilateral e democrática.

Nesse sentido, abordaram-se as crescentes tensões no Golfo Pérsico e no Norte da África, bem como a necessidade de abordá-las por meio de mecanismos multilaterais de tomada de decisão; os

esforços políticos empreendidos para se atingir uma completa desnuclearização da península coreana e, por conseguinte, a pacificação da região, e a reivindicação de reforma integral do sistema multilateral e dos órgãos que o compõem, principalmente as Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Ademais, ressaltou-se o apoio conjunto aos esforços nacionais e internacionais para o estabelecimento da paz e da reconciliação no Afeganistão.

As discussões acerca do cenário político-econômico e social da Venezuela ganharam protagonismo. Houve consenso sobre uma solução constitucional, pacífica, sem intervenções externas e conduzida pelos próprios venezuelanos. Dentre os países do grupo, o Brasil é o único vizinho da Venezuela, razão pela qual o processo de estabilização político-econômica do país não pode ser marginalizado nas esferas multilaterais de tomada de decisão no âmbito dos BRICS.

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

A saída dos EUA do *Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty*: uma nova corrida armamentista à frente?

Jéssica Barreto

No dia 02 de agosto de 2019, os Estados Unidos da América (EUA) anunciaram sua retirada formal do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF, sigla em inglês). A Rússia havia declarado o encerramento do Tratado minutos antes. O Tratado, assinado em 1987, já no fim da Guerra Fria, era um limitante no uso de mísseis nucleares e convencionais de alcance entre 500 a 5.000 km. Denunciado no início do ano pelos EUA, por causa do desenvolvimento russo dos mísseis 9M729 ([Boletim 88](#)), o Tratado previa um período de transição de seis meses a partir da abertura dessa denúncia para que a Rússia destruísse os mísseis ou os norte-americanos suspenderiam sua participação.

Esse pacto era considerado um dos principais acordos de controle de armas no sistema internacional, junto com o Tratado *New START*, também entre as duas potências ([Boletim 72](#)). Renovado no início de 2018, o *New START* expira em 2021 e tem gerado preocupação entre especialistas sobre a sua não renovação, visto que, em seus discursos, Donald Trump sempre criticou

acordos que limitam a atuação estratégica do país, pois acredita que isso leva outros países a desenvolverem tais armamentos, fragilizando os EUA. Nesse sentido, a China, considerada um adversário relevante do país, é um dos principais motivos da negativa de Trump em relação a esses acordos de controle, afirmando em diversos discursos que é necessário incluir o país asiático nesses tratados, com a China rejeitando sumariamente essa ideia.

Logo após o anúncio, o Pentágono divulgou que o país vai focar no desenvolvimento de novos mísseis terra-ar, para neutralizar possíveis ataques russos. O orçamento de defesa para o ano fiscal de 2019 já incluía US\$ 48 milhões para respostas às violações da Rússia, denunciadas desde 2013 pelos norte-americanos. Agora, pretende dedicar mais US\$ 100 milhões do orçamento do próximo ano para o desenvolvimento desses mísseis de alcance intermediário. Desse modo, o aumento dos investimentos em defesa, com o desenvolvimento de novos armamentos e tecnologias, tem preocupado diversos Estados sobre a possibilidade de uma nova corrida armamentista entre as potências, incluindo também a China.

ÁFRICA SUBSAARIANA

Aumento de casos de pirataria causa preocupação na costa ocidental africana

David Severo e Vivian Mattos

Pesquisas realizadas pela *International Maritime Bureau* constataram que a região marítima do Golfo da Guiné, na África Ocidental, é atualmente a área mais perigosa do mundo para navegação, em razão do elevado número de ataques piratas. Os países mais afetados são Benin, Camarões, Gana e Nigéria. Grande parte dos casos de pirataria na região é motivada pelo roubo de cargas de petróleo e de gás, tendo em vista que a região é um dos principais *hubs* do mundo na prospecção e exportação de hidrocarbonetos. Além do roubo de carga, há ações piratas que usam métodos mais violentos como o sequestro da tripulação em troca do pagamento de resgate. Este aumento vertiginoso da sensação de insegurança no Golfo da Guiné encarece os seguros de transporte marítimo de navios que trafegam na região.

O Estado mais prejudicado com os inúmeros casos de pirataria é a Nigéria, atualmente o principal alvo da "petro-pirataria". A situação impacta fortemente na economia do país, altamente dependente da exportação e da exploração de petróleo, intensificando, assim, as

consequências da crise do petróleo. Nos últimos três anos, o país tem liderado os debates regionais sobre as possíveis soluções para a pirataria, porém os esforços regionais têm sido ineficazes.

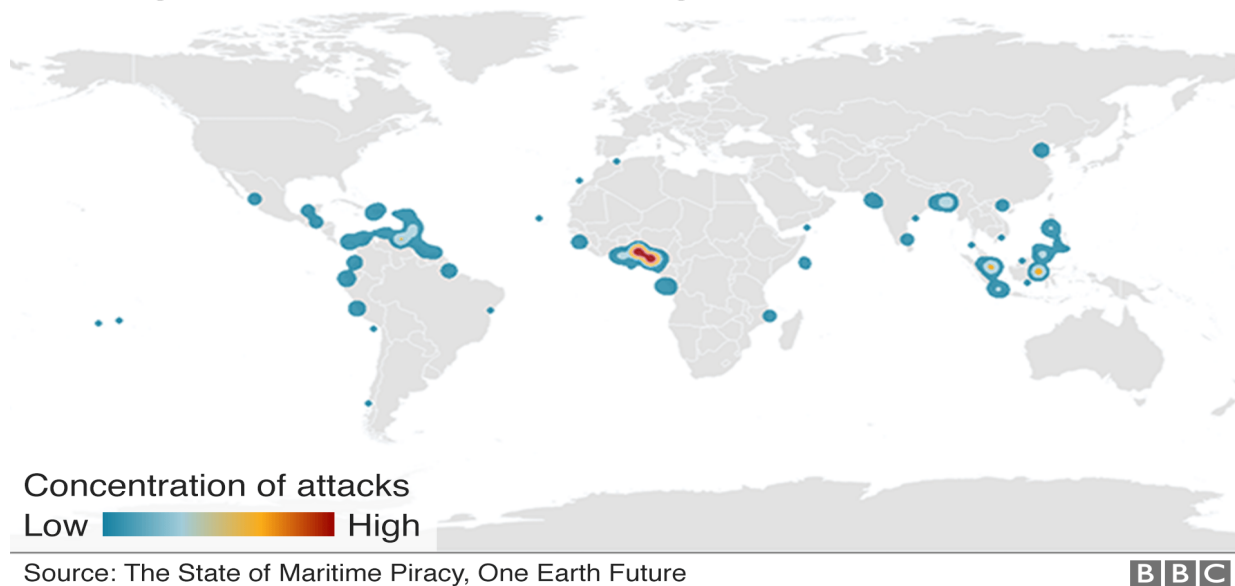
Em julho de 2019, os casos de criminalidade marítima no Golfo da Guiné foram o foco da *International Maritime Defense Exhibition and Conference*, realizada em Gana, e teve representantes das Marinhas regionais e Marinhas não-africanas como Estados Unidos, Portugal, Índia, França e Itália. No evento, reforçou-se a ideia de padronização das leis antipirataria na região e a necessidade de criação de um arcabouço de informações e procedimentos regionais similares aos implementados no Chifre da África, no auge de sua crise de segurança marítima entre 2008 e 2011.

Nesse sentido, aponta-se que o maior desafio para mitigar os casos de pirataria no Golfo da Guiné é o de desenvolver mecanismos de punição efetivos, principalmente fortalecendo e capacitando as Marinhas da costa ocidental africana, tanto em relação a

equipamentos e adestramento, quanto a questões jurídicas e institucionais. Para isso, é necessário recorrer à cooperação internacional e à experiência de países e Marinhas que já desenvolveram tecnologias e métodos para solucionar questões similares. Ademais, o problema

da pirataria no Golfo da Guiné demanda um esforço de cooperação internacional mais robusto, considerando-se que os esforços regionais têm se mostrado insuficientes diante da magnitude do problema.

Piracy and armed robbery at sea 2018



BBC

Fonte: [BBC](#)

EUROPA

Reino Unido: novo primeiro-ministro em busca de parcerias

Matheus Mendes

No último dia 23 de julho, o Partido Conservador britânico escolheu Boris Johnson para suceder Theresa May como primeiro-ministro do Reino Unido. Sua ascensão era esperada desde quando pediu demissão do cargo de ministro das Relações Exteriores no Governo May, no final de 2018. Ele deverá governar até 2022, caso as próximas eleições não sejam antecipadas.

O maior desafio de Johnson será entregar o *Brexit*, algo que parece ser uma missão impossível. O novo governante representa a ala mais radical do Partido Conservador, o que se reflete nas intenções de retirada do país da União Europeia (UE). Johnson tem até o dia 31 de outubro, a princípio, para negociar um novo acordo com a UE e que também passe pelo Parlamento, tarefa que Theresa May não conseguiu cumprir, levando-a à renúncia. Caso não consiga fechar um acordo, o novo primeiro-ministro demonstra estar disposto a sair do bloco em uma ruptura total, o chamado “*hard Brexit*”.

Independentemente do desfecho, o Reino Unido terá que firmar novos acordos com países de fora do

bloco, a fim de amenizar as perdas comerciais que poderá ter com a UE, assim como evitar uma possível recessão. Os primeiros passos já foram dados em direção aos EUA, um parceiro natural e de longa data que, na figura de seu atual presidente, Donald Trump, já acenou positivamente à existência de um acordo após a saída britânica da UE. As relações com os EUA renderam mais de 180 bilhões de libras em 2017, representando 14,6% do comércio britânico, e as estimativas para 2018 são de que esses números ultrapassaram 210 bilhões de libras. Ademais, para Trump, um novo acordo com os britânicos poderia aumentar seu comércio em quatro ou cinco vezes.

Além dos EUA, o país apontou a continuidade de acordos com outros países do mundo, sobretudo aqueles pertencentes à *Commonwealth*. Ao mesmo tempo em que negociam com a UE também buscam novas parcerias econômicas, o que poderia ser uma oportunidade para o Brasil, que tem tido tratativas recentes com os britânicos no *Joint Economic and Trade Committee* (JETCO), tendo o último ocorrido em março de 2018.

Rússia e Turquia são os novos aliados na Eurásia?

Dominique Marques

No dia 12 de julho de 2019, a Turquia começou a receber os mísseis de defesa antiaérea *S-400*, comprados da Rússia. O país, que conecta Oriente e Ocidente, é membro da OTAN, aliança militar ocidental criada há 70 anos para conter a expansão russa. Também é um país predominantemente islâmico e, portanto, destaca-se de seus demais parceiros europeus.

Ironicamente, o antigo alvo da aliança militar agora supre um de seus membros mais importantes em termos de geopolítica, tanto no Oriente Médio, como no Mediterrâneo, e que controla o acesso russo aos mares quentes, possibilitando à Rússia transformar-se em potência não apenas terrestre como também marítima.

Segundo dados do Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (SIPRI, na sigla em inglês), divulgados neste ano, os Estados Unidos ainda possuem a maior parcela em investimentos em defesa, seguidos por China, Arábia Saudita, Índia e França. Pela primeira vez em 13 anos, a Rússia não está entre os cinco maiores investidores, mas ainda assim investe US\$ 61,4 bilhões em defesa, enquanto que a Turquia gasta US\$ 19 bilhões. A Turquia busca diversificar sua base de defesa desde 1974, quando sofreu sanções norte-americanas na questão

do Chipre, mesmo sendo aliada dos EUA. Agora, com apoio dos EUA aos curdos no conflito sírio, o presidente turco, Recep Erdogan, vem assumindo uma postura ainda mais assertiva com relação aos seus interesses nacionais, tomando decisões em desacordo com a aliança ocidental, favorecendo sua soberania. Como visto no [Boletim 90](#), os EUA ameaçaram Erdogan com sanções caso não recuasse. Agora, após receber os *S-400*, Washington se recusa a vender os caças *F-35*, deixando a Rússia pronta para fornecer seus jatos *SU-35* à Turquia.

Diante do atual cenário, vemos uma postura irredutível de Erdogan diante dos avisos norte-americanos sobre esta aproximação russo-turca. Somando isto à questão energética, parece que os interesses de ambos os atores geopolíticos no centro do mundo (orientais/ocidentais) estão convergindo, caminhando para maior aproximação diante da recusa norte-americana em vender os caças, podendo desestabilizar seriamente a região. A Rússia, historicamente inimiga da Turquia, hoje apresenta-se como parceira diante das atuais configurações geopolíticas, especialmente no setor energético e agora, também em defesa.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

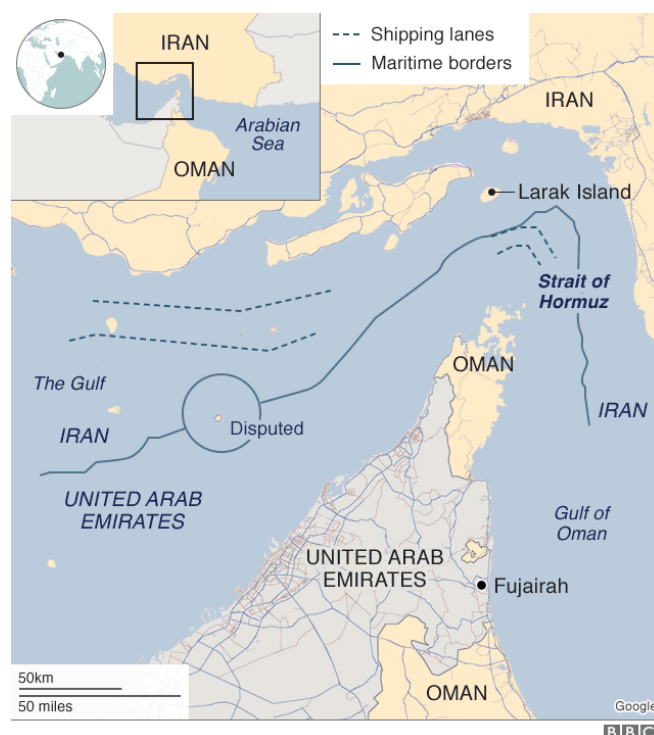
O xadrez iraniano e o quebra-cabeça da crise do Golfo Pérsico

Shakila Ahmad

No dia 04 de julho de 2019, forças especiais de fuzileiros navais britânicos apreenderam um navio-tanque iraniano nas proximidades de Gibraltar, sob a acusação de transportar petróleo para a Síria, violando as sanções impostas pela União Europeia ao presidente sírio, Bashar al-Assad. Diante desse acontecimento, duas semanas após o ocorrido, a Guarda Revolucionária Iraniana apresou um navio-tanque inglês nas proximidades do Golfo Pérsico. É importante ressaltar que o movimento iraniano foi preciso, dada a conjuntura atual interna do Reino Unido, em razão da eleição do novo primeiro-ministro Boris Johnson.

De fato, para melhor compreender a dinâmica atual, é importante refletir sobre os atuais contornos políticos e a problemática que envolve essa crise. Como mencionado no [Boletim 78](#), a decisão dos Estados Unidos de retirar-se do acordo nuclear firmado com o Irã em 2015 desencadeou a escalada das tensões envolvendo ambos os países. O acordo, que ofereceu ao Irã um alívio das sanções globais em troca de restrições ao seu programa nuclear, corre o risco de se desfazer, dada a campanha de

Strait of Hormuz



Fonte: [BBC](#)

“pressão máxima” dos EUA contra os setores bancário e petrolífero iranianos.

Em julho de 2019, o Irã violou os limites de enriquecimento de urânio estabelecido no acordo nuclear e afirmou que aceleraria suas violações se as partes restantes do acordo não encontrassem, até 06 de setembro de 2019, formas de protegê-lo das sanções impostas pelos EUA. À luz disso, França, Alemanha e Reino Unido criaram um canal comercial denominado *Instrument In Support Of Trade Exchanges* (INSTEX), que permitirá o comércio entre União Europeia-Irã, sem depender de transações financeiras diretas. No entanto,

autoridades iranianas dizem que o mecanismo não atende às necessidades do país, uma vez que não facilita as exportações de petróleo.

Após a captura de seu navio-tanque, o Reino Unido negociou a formação de uma força tarefa de navios para garantir o tráfego marítimo na região do Estreito de Ormuz, importante rota marítima internacional, por onde passam cerca de 20% das exportações mundiais petrolíferas. Por este caminho, um cálculo errado no tabuleiro EUA-Irã poderia desencadear em um conflito militar envolvendo ambos os países.

RÚSSIA & EX-URSS

IMDS 2019 e os desafios do reaparelhamento da Marinha russa

José Gabriel Melo

Entre os dias 10 e 14 de julho de 2019, foi realizada a 9ª Feira Internacional de Defesa Marítima em São Petersburgo. O evento contou com a participação de empresários, diplomatas e oficiais das Forças Armadas de mais de 20 países. Foram apresentados submarinos, navios de guerra e de apoio logístico, além dos sistemas navais eletrônicos russos. Talvez o principal destaque tenha sido o anúncio do Projeto 11430E *Lamantin*, um navio aeródromo (NAe) nuclear, com 350 metros de comprimento, deslocamento de 75 mil toneladas e capacidade para 60 aeronaves, pelo Centro de Pesquisa Estatal *Krylov*, parte da *United Shipbuilding Corporation*, responsável por coordenar a construção naval russa.

No contexto de cortes orçamentários que sucedeu o fim da União Soviética, a Marinha russa foi uma das mais afetadas, devido ao alto custo de manutenção das embarcações, bem como o treinamento para operação dos equipamentos a bordo. Moscou percebeu a necessidade de reavaliar o papel da Marinha, que se tornou mais enxuta e passou a atuar regionalmente. Além disso, viu a necessidade de agir como catalisador para o desenvolvimento de sistemas navais, criando

a *Rosoboronexport* no final de 2000, empresa que seria responsável pelo desenvolvimento, produção e comercialização dos equipamentos militares russos, a segunda maior fonte de receita do país. Em 2007, a empresa passou a integrar o conglomerado liderado pela *Rostec*, responsável pela gestão de mais de 700 empresas de variados níveis tecnológicos. A estatal realizou vendas significativas no evento e, segundo o CEO Alexander Mikheev, a empresa possui US\$ 5 bilhões em contratos para os próximos anos.

A Doutrina Militar lançada no final de 2014, com vigência até 2020, deixa evidente a preocupação do Kremlin com a segurança de seus navios mercantes, alertando para a importância de uma Marinha robusta capaz de assegurar seus interesses nacionais. Entretanto, no Programa de Armamento do Estado 2018-2027, cujo orçamento previsto é de US\$ 291 bilhões, a Marinha ficou com a menor fatia, de US\$ 39 bilhões de dólares. Nesse contexto, mesmo sendo menos ambicioso que o Projeto 23000E *Storm*, é de se esperar que o Projeto *Lamantin*, caso avance, enfrente dificuldades com essa restrição econômica.

LESTE ASIÁTICO

Japão e Coreia do Sul: tensões crescentes

João Pedro Grilo

No dia primeiro de julho de 2019, o Japão anunciou que dificultaria e restringiria a exportação de três matérias primas essenciais ao setor tecnológico sul-coreano, representando uma severa ameaça para a economia da Coreia do Sul e para o bem-estar da relação bilateral entre os Estados. A restrição à exportação de gás fluoreto de hidrogênio, poliimida fluorada e de

fotoretores, o primeiro podendo ser usado na confecção de armas químicas, é justificada pelo Japão como uma medida de segurança nacional: os sul-coreanos não estariam inspecionando devidamente a aplicação final desses insumos, o que poderia facilitar o acesso de tais materiais à Coreia do Norte.

Com a entrada dessa restrição em vigor, os

exportadores japoneses precisam solicitar uma autorização para a exportação de cada um desses produtos para a Coreia do Sul, sua maior demandante, podendo demorar até três meses. Após a primeira acusação japonesa, a tensão entre os Estados cresceu vertiginosamente, com a abertura de um Painel na OMC pela Coreia do Sul contra o Japão. Houve também acusações feitas pela Coreia do Sul sobre o desrespeito japonês à decisão da ONU em favor do embargo econômico à Coreia do Norte e sobre a possibilidade de não renovação do *General Security of Military Information Agreement* (GSOMIA), que promove o compartilhamento de informações do programa nuclear norte-coreano entre os governos japonês e sul-coreano, colocando em risco a atual cooperação de segurança tripartida com os Estados

Unidos na região. A situação agravou-se no dia 02 de agosto, quando o Japão decidiu retirar a Coreia do Sul da sua *whitelist* (parceiros econômicos preferenciais), aumentando o embargo já mencionado a uma vasta gama de produtos, especificamente para aqueles que podem ter aplicabilidade militar.

A atual crise configura-se como uma das mais severas desde a assinatura do Tratado de Relações Básicas entre o Japão e a República da Coreia de 1965, que estabeleceu relações diplomáticas básicas entre ambos. A gravidade da questão, a presença de rixas históricas e o forte apelo popular do presente litígio dificultam o diálogo bilateral. Nesse contexto, a intermediação por um parceiro comum, como os Estados Unidos, se mostra imprescindível, pois não é essa a questão mais crítica daquela região.

Pequim lança novo Livro Branco sobre defesa nacional

Rodrigo Abreu

No dia 24 de julho de 2019, a República Popular da China emitiu o Livro Branco denominado *China's National Defense in the New Era*. O documento é o primeiro *White Paper* lançado pela China após o início das reformas do Exército de Libertação Popular (PLA), em 2016. Ademais, o mesmo se diferencia bastante do último Livro Branco de defesa emitido por Pequim (em 2015), principalmente por adotar uma postura clara e oferecer respostas a pontos chave de relatórios do Departamento de Defesa dos Estados Unidos acerca do poder militar chinês.

O *White Paper* sinaliza repetidamente que as forças militares da China devem ser modernizadas para garantir a sua soberania e atender aos interesses do país ao redor do globo. Dessa forma, o PLA está passando por diversas reformas em sua estrutura e em suas capacidades. Diversas ameaças à integridade territorial da China são levantadas no relatório. Assim, Pequim reforça o seu compromisso em conter movimentos separatistas nas regiões do Tibet e de Xinjiang. Ademais, o documento trata como “objetivo fundamental” a contenção do movimento de independência de Taiwan. Novamente, a

China afirma que, se necessário, está disposta a usar a força para combater os separatistas e a “interferência de forças externas” na questão.

Em um dos seus pontos principais, o documento reconhece as ações dos EUA relacionadas à atualização de sua capacidade nuclear, o avanço da instalação do sistema antimísseis *THAAD* na Coreia do Sul e a condução de operações de livre navegação em águas reivindicadas por Pequim, como políticas unilaterais que abalam a estabilidade estratégica global. Dessa forma, o *White Paper* sinaliza uma competição estratégica com os EUA e justifica o crescimento das forças militares chinesas como uma forma de diminuir as diferenças de capacidade em relação às forças militares de Washington.

Por fim, o Livro Branco não sugere o início de um agravamento de tensões entre EUA e China. O início desta competição estratégica deve, a curto prazo, gerar políticas de dissuasão e estreitamento das relações dos dois países com seus aliados no Leste Asiático. Entretanto, a única questão capaz de agravar as tensões entre os dois países parece ser as relações envolvendo o *status* de Taiwan.

SUL DA ÁSIA

Inserção russa no arsenal bélico indiano

Marina Corrêa

Na primeira quinzena de julho de 2019, a Índia demonstrou interesse em investir em novos e modernos armamentos bélicos russos. Essa parceria data dos anos 2000, com os caças *Su-30MKI*, que fazem parte do arsenal da Força Aérea Indiana (IAF, sigla em inglês), desenvolvidos pela empresa russa *Sukhoi*, mas construídos pela *Hindustan Aeronautics* (empresa indiana). Este tipo de aeronave está prevista para tornar-se

a base padrão da IAF até 2020, contudo o empecilho para dar continuidade ao processo é que seriam incorporados mísseis *ASRAAM*, de origem britânica, aos caças.

Isto gerou protestos da parte russa. Durante uma coletiva de imprensa com jornalistas indianos em Moscou, Vladimir Drozhzhov, vice-diretor do Serviço Federal de Cooperação Técnico-Militar da Rússia, afirmou que essa integração dos mísseis ingleses *ASRAAM* representaria

um risco para a segurança da tecnologia. No mesmo discurso, lembrou que na assinatura do contrato das aeronaves, foi informada à IAF que o equipamento poderia ser comprometido, ao incorporarem dispositivos sem a participação da fabricante original.

Sendo assim, na última semana de julho, a Índia repensou as possibilidades e optou por assinar um contrato no valor de cerca de US\$ 211 milhões para compra de mísseis russos R-27, incorporando-os nos caças anteriormente adquiridos. Isso totaliza aproximadamente US\$ 1 bilhão gastos pela Índia, em acordos para aquisição de equipamentos russos sob requisitos de emergência nos últimos 60 dias. Lembrando que dentro de questões de emergência, o governo indiano deu poderes de compra para as três forças militares, medida tomada após os ataques a Pulwama ([Boletim 88](#)), visando, com urgência, o reforço da segurança das fronteiras com o Paquistão, o que coincide com as recentes negociações para a compra de novos aviões de caça, modernização de blindados e até considerações sobre a elaboração conjunta de um protótipo de submarino de ataque diesel-elétrico, o *Amur-1650*.

Todavia, ressalta-se que essa aproximação com a Rússia está para além do militar, há projetos em curso no âmbito econômico também. No dia 10 de julho ocorreu o Segundo Diálogo Econômico Estratégico Índia-Rússia (IRSED, sigla em inglês), o qual englobou seis áreas de cooperação, como: infraestrutura, bancos e transformação

do setor digital. Somando-se aos planos para fortificar e aumentar a indústria naval em conjunto. Para tanto, é importante não só geopoliticamente ter a Rússia como aliado, mas também a colaboração representa uma busca por reformas e modernizações internas que vem se tornando necessárias para o país.



SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Talisman Sabre Exercises 2019: Austrália, EUA e projeção de poder no Pacífico

Thayná Fernandes

No mês de julho, a Austrália sediou a oitava edição do exercício conjunto com Estados Unidos, o *Talisman Sabre*. O treinamento bienal contou com a participação de 34 mil pessoas, 30 embarcações e 200 aeronaves das Forças Australianas, norte-americanas, japonesas, inglesas e canadenses. Esta edição foi considerada um marco histórico da Marinha australiana pela realização do maior exercício de desembarque anfíbio no qual dois *landing helicopter docks*, HMAS *Adelaide* e HMAS *Canberra*, foram empregados.

As relações de Defesa e Segurança entre Washington e Camberra são oriundas da I Guerra Mundial. Em 1951, tal proximidade foi reforçada com a criação do *The Australia, New Zealand, United States Security Treaty* (ANZUS), um acordo de segurança coletiva cujo propósito era garantir a segurança das partes e contrapor-se ao avanço soviético no Pacífico. Desde então, a Austrália tem participado de diversas operações militares norte-americanas ao longo dos anos.

O exercício *Talisman Sabre*, iniciado no ano de 2011, tem por objetivo “planejar e conduzir operações conjuntas de Forças Tarefas e melhorar a prontidão de combate e interoperabilidade entre as Forças Armadas australiana e norte-americana”. A iniciativa do treinamento é parte do já finalizado plano australiano *Beersheba* de modernização do *Royal Australian Army*, cujo principal foco era a prontidão em atuação conjunta com Marinha e Força Aérea.

Outro aspecto do evento foi a declaração dos Estados Unidos em realizar possível investimento de US\$ 211,5 milhões na construção de infraestrutura militar adicional em Darwin, onde já ficam alocados cerca de 2.500 fuzileiros navais norte-americanos destacados nas iniciativas do “*Pacific Pivot*”. Interessante salientar que é nesta região que se encontra um dos principais portos do país comprado por uma empresa chinesa em um contrato de 99 anos.

Embora não tenham sido convidados a participar,

navios chineses estiveram acompanhando boa parte dos exercícios. A realização do evento passa um claro recado norte-americano a Pequim, demonstrando seu poderio militar e a capacitação de um aliado próximo ao território

chinês. Nas disputas por influência entre Estados Unidos e China, cabe à Austrália buscar o que é melhor para si, pois numa era de crescentes turbulências e instabilidades políticas, as mudanças são imprevisíveis.

Uma nova base naval chinesa?

Matheus Bruno Pereira

O Camboja vem sendo disputado por China e Estados Unidos da América (EUA) ao longo do presente século. Em sua retomada de relações diplomáticas com o país, ainda na primeira década, os EUA incentivaram a realização de exercícios navais conjuntos e até mesmo o financiamento de instalações de interesse de Phnom Penh. Nos últimos anos, porém, a China vem se mostrando não apenas um país com o qual Camboja possui boas relações, mas que colabora ativamente para as políticas cambodianas em questões de infraestrutura e militar, como as empreitadas de incentivo ao turismo, construção de aeroportos e o fornecimento de equipamentos militares.

No fim de julho desse ano, aumentaram as suspeitas, sobretudo dos EUA, da possibilidade de Pequim estar vislumbrando a instalação de um posto avançado na base naval de Ream, pertencente à Marinha Real do Camboja. Atualmente, a base conta com apenas um porto para a atracação de embarcações pertencentes à sua Marinha. O suposto acordo, porém, proporcionaria a construção

de dois novos portos, dos quais um seria destinado ao uso de embarcações do Camboja e um exclusivamente para embarcações chinesas, o que também poderia levar ao aprofundamento dos portos através de dragagem, para garantir o recebimento de navios com maior calado.

Caso o Camboja firmasse tal acordo, poderia acarretar um desequilíbrio regional, pois a soma do posto avançado em Ream, junto com suas diversas instalações ao longo do Mar do Sul da China, traria uma importante vantagem geopolítica para Pequim.

Apesar do discurso de Pequim, como foi no caso de sua base em Djibouti, de que seus postos não seriam nada mais que instalações para fins logísticos, não exclui a capacidade dessas de admitirem uma característica dual. Portanto, em situações de necessidade, poderiam receber facilmente os navios de guerra chineses. Até o momento, os dois governos negaram qualquer acordo, mas os países da região, e principalmente os EUA, acompanham a conjuntura com bastante atenção.



Sources: Planet Labs (photo); staff reports

Fonte: [Wall Street Journal](#)

Marinha russa aumenta a frota de submarinos

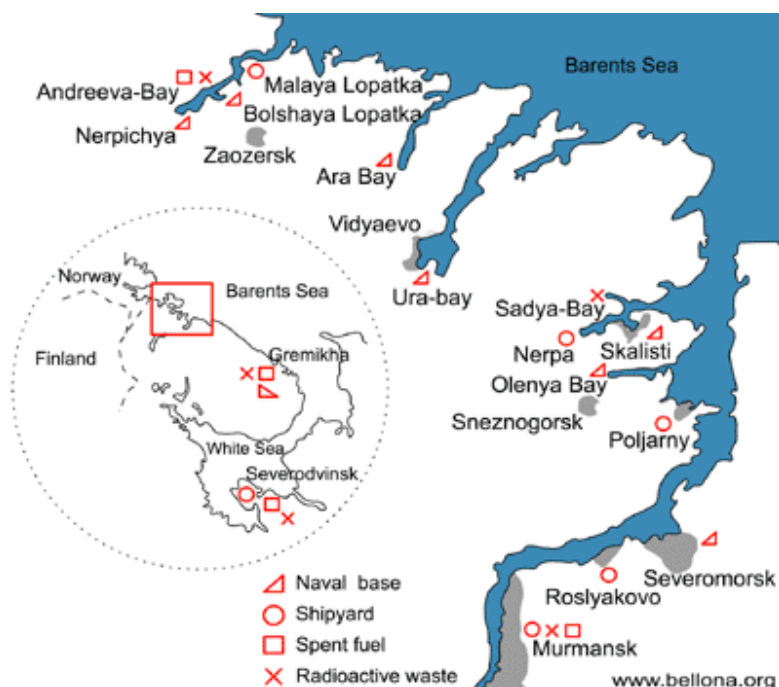
Laila Lorenzon

Durante os dias 22 a 30 de julho, ocorreu, nos arredores de Moscou, a quinta edição do *ARMY 2019*, o Fórum Militar e Técnico Internacional, no qual foi anunciado pelo vice-ministro da Defesa, Alexey Krivoruchko, o pedido de mais dois submarinos nucleares russos de quarta geração, da classe *Yasen-M*. Com a adição desses, a esquadra total será composta por nove submarinos dessa classe, todos construídos pela companhia russa *Sevmash*, localizada no porto de *Severodvinsk*, na costa da Península Kola, que faz fronteira com a Noruega.

De acordo com o site *Naval Technology*, os submarinos da classe *Yasen-M* têm capacidade para carregar e lançar mísseis de cruzeiro *Oniks* e *Kalibr*, de longo alcance contra navios de guerra de superfície e alvos terrestres, possuindo para isso oito tubos de sistema de lançamento verticais para mísseis SLCM. Essa classe de submarinos é a primeira a possuir um sonar esférico conhecido como *Irtysch-Amfora*, além do radar especial *MRK-50*, e é considerada uma das classes de mais alto

custo a ser produzida no país, devido à sua modernidade. Além disso, seu diferencial é a diminuição do número da tripulação para 50 militares, em razão da automatização de alguns sistemas do submarino, em comparação aos 134 tripulantes dos submarinos de ataque estadunidenses da classe *Virginia*.

É esperado que a construção dos dois submarinos adicionais seja iniciada em 2020 e 2021. Estima-se um período de sete anos para sua finalização e testes, para que já estejam prontos para a missão de patrulha até no máximo 2028. Os submarinos *Yasen-M* possuem 118 metros de comprimento e capacidade de deslocamento de 13,8 mil toneladas, segundo o portal *Sputnik*. As capacidades dos novos meios indicam intenções russas, tanto na negação do uso do mar do Ártico a forças hostis, como de alcançar alvos em terra por meio da projeção marítima. O aumento do investimento bélico no Ártico reforça a crescente importância geopolítica da região e a vontade russa de reforçar sua soberania.



ARTIGOS SELECIONADOS E NOTÍCIAS DE DEFESA

- RUSI, Alya Shandra e Robert Seely
[The Surkov Leaks: The Inner Workings of Russia's Hybrid War in Ukraine](#)
- PROJECT SYNDICATE, Stephen S. Roach
[China's Long View](#)
- GEOPOLITICAL FUTURES, Jacob L. Shapiro
[Hong Kong's Present Is Taiwan's Future](#)
- POLITICO, Nahal Toosi
[Trump's coalition of one](#)
- BROOKINGS, Dhruva Jaishankar
[From the iPhone to Huawei: The new geopolitics of technology](#)
- NIKKEI ASIAN REVIEW, Evan Karlik
[US-China tensions -- unmanned military craft raise risk of war](#)
- MARITIME EXECUTIVE
[Costa Cuts Steel for Next LNG-Fueled Cruise Ship](#)
- ON THE RADAR, Rhys McCormick
[The United States' Strategic Situational Awareness Capabilities](#)
- ON THE RADAR, Elsa B. Kania
[China's Strategic Situational Awareness Capabilities](#)
- CARNEGIE, Dmitri Trenin
[US Obsession With Containment Driving China And Russia Closer](#)

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

AGOSTO

09-14

Período do Haje: peregrinação realizada pelos muçulmanos à cidade sagrada de Meca

11

Eleições primárias na Argentina

24-26

45ª Cúpula do G7, na França

S/D

Encontro entre Rússia, Irã e Turquia, na Síria

SETEMBRO

15

Eleições na Tunísia

17

Eleições em Israel

17-30

Assembleia Geral da ONU

REFERÊNCIAS

- **A viagem do navio-hospital *USNS Comfort* pelo entorno venezuelano**
[Hospital Ship USNS Comfort Departs Norfolk for Medical Mission](#). Navy.mil, 14 jun. 2019. Acesso em: 02 ago. 2019.
[China's Arch of Peace vessel docks in Venezuela for health mission](#). Telesur English, 22 set. 2018. Acesso em: 02 ago. 2019.
- **Encontro de chanceleres dos BRICS: questões à condução da política internacional**
 MORENO, Carlos. [BRICS coinciden en una solución en Venezuela sin intervención y constitucional](#). Agencia EFE, 26 jul. 2019. Acesso em: 03 ago. 2019.
 BONNIER, Maria. [Declaración final de la reunión de ministros del grupo BRICS](#). El Ciudadano, 26 jul. 2019. Acesso em: 03 ago. 2019.
- **A saída dos EUA do *Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty*: uma nova corrida armamentista à frente?**
[INF nuclear treaty: Nato 'to avoid arms race' after US-Russia pact ends](#). BBC News, 02 ago. 2019. Acesso em: 02 ago. 2019.
 GAOUILLET, Nicole. STARR, Barbara. [US pulls out of nuclear treaty. Pentagon to test new missile](#). CNN Politics, 02 ago. 2019. Acesso em: 02 ago. 2019.
- **Aumento de casos de pirataria causa preocupação na costa ocidental africana**
 MCCARTHY, Niall. [West Africa Is Becoming The World's New Piracy Hotspot](#). Forbes, 21 jun. 2019. Acesso em: 01 ago. 2019.
 KNOTT, Stacey. [Gulf of Guinea Piracy Targeted at Ghana Maritime Conference](#). VOA News, 25 jul. 2019. Acesso em: 01 ago. 2019.
- **Reino Unido: novo primeiro-ministro em busca de parcerias**
[Boris Johnson: What is his Brexit plan?](#) BBC News, 23 jul. 2019. Acesso em: 27 jul. 2019.
[Trump: US and UK working on 'very substantial' trade deal](#). BBC News, 27 jul. 2019. Acesso em: 27 jul. 2019.
- **Rússia e Turquia são os novos aliados na Eurásia?**
[Erdogan: Turkey to turn elsewhere if US will not sell F-35s](#). Al Jazeera, 26 jul. 2019. Acesso em: 26 jul. 2019.
 SNYDER, Xander. [Turkey in the Bigger Picture](#). Geopolitical Futures, 29 jul. 2019. Acesso em: 03 ago. 2019.
- **O xadrez iraniano e o quebra-cabeça da crise do Golfo Pérsico**
 BISHARA, Marwan. [Iran, the US, and the 'English job'](#). Al Jazeera, 30 jul. 2019. Acesso em: 01 ago. 2019.
[Averting the Middle East's 1914 Moment](#). International Crisis Group, 01 ago. 2019. Acesso em: 02 ago. 2019.
- **IMDS 2019 e os desafios do reaparelhamento da Marinha russa**
[Russia increases naval technologies exports — defense export giant](#). Tass News Agency, 10 jul. 2019. Acesso em: 11 jul. 2019.
 LUKYANOV, Denis. [Un concepto flamante: Rusia presenta la nueva visión sobre su flota de portaviones](#). Sputnik News, 11 jul. 2019. Acesso em: 15 jul. 2019.
- **Japão e Coreia do Sul: tensões crescentes**
 JOHNSON, Keith. [Why are Japan and South Korea in a Trade Fight?](#) Foreign Policy, 15 jul. 2019. Acesso em: 20 jul. 2019.
 TRENT, Mercedes. [Japan and South Korea are Learning the Wrong Lessons from China](#). The Diplomat, 01 ago. 2019. Acesso em: 01 ago. 2019.
- **Pequim lança novo Livro Branco sobre defesa nacional**
 CHINA, China's National Defense in the New Era. Pequim, jul. 2019.
 CORDERSMAN, Anthony. [China's New 2019 Defense White Paper](#). CSIS, 24 jul. 2019. Acesso em: 01 ago. 2019.
- **Inserção russa no arsenal bélico indiano**
 AROOR, Shiv. [Russia sees red over India putting British missile on Su-30](#). Live Fist Defence, 09 jul. 2019. Acesso em: 11 jul. 2019.
 VALDUGA, Fernando. [Índia que mísseis ASRAAM nos seus Su-30MKI, mas Rússia protesta](#). CAVOK, Asas da Informação, 10 jul. 2019. Acesso em: 11 jul. 2019.
- **Talisman Sabre Exercises 2019: Austrália, EUA e projeção de poder no Pacífico**
[Australia says US plans to build military infrastructure](#). Channel News Asia, 30 jul. 2019. Acesso em: jul. 2019.
 PANDA, Ankit. [A New Normal: Chinese Navy Warship Monitors Talisman Sabre Exercises – Again](#). The Diplomat, 08 jul. 2019. Acesso em: jul. 2019.
- **Uma nova base naval chinesa?**
 PAGE, J. ; LUBOLD, G ; TAYLOR R. Naval Outpost in Cambodia Bolsters China's Ambitions. The Wall Street Journal, Nova Iorque, Vol CCLXXIV, NO.18, 22 Jul. 2019. World News, p.A9.
 FANG, Nicholas; CHOO, Aaron. [China's naval expansionism is natural path for emerging global power](#). NIKKEI ASIAN REVIEW, 02 ago. 2019. Acesso: 03 ago. 2019.
- **Marinha russa aumenta a frota de submarinos**
[Yasen/Graney Class Submarine](#). Naval Technology. Acesso em: 30 jul. 2019.
 GADY, Franz-Stefan. [Russia Signs Contract for 2 Yasen-M Nuclear Attack Submarines](#). The Diplomat, 01 jul. 2019. Acesso em: 30 jul. 2019.